

DAVIS, Mike. *Planeta Favela*. São Paulo: Boitempo, 2008.

Vanessa Marques Barreto

Bacharel em História (UEPG, 2008). Mestranda em Geografia (UEPG)

O crescimento das cidades vem sendo observado há muito tempo por vários pesquisadores, bem como as causas que essa urbanização acelerada traz.

As cidades são campos de conflitos e diferenças sociais que ficam muito claras quando observamos a dinâmica que ela apresenta em relação as lutas por sobrevivência que os grupos sociais excluídos enfrentam.

Partindo do pressuposto de que as cidades pensadas pelos urbanistas eram de vidro e ferro, Mike Davis em seu livro '*Planeta Favela*' composto por oito capítulos, uma discussão sobre o crescimento e a pobreza nas cidades do Terceiro Mundo, pensando no crescimento da periferia como um grande problema ainda sem solução do século XXI. O autor fala de mudanças que seriam necessárias para que esse quadro fosse ao menos minimizado.

O primeiro capítulo '*O climatério urbano*', tem como objetivo trazer a discussão sobre o crescimento das cidades do Terceiro Mundo. O autor fala do crescimento das favelas desde a década de 1970, mostrando como o mesmo ultrapassa a urbanização propriamente dita. Faz uma discussão da questão da habitação e seu mercado informal.¹ Dialogando com antropólogos e urbanistas aponta para a questão de que em muitos casos as cidades já estão invadindo áreas antes rurais, existindo aí uma fusão que torna-se um caminho importante para o desenvolvimento humano. Citando a cidade de Délhi na Índia como exemplo, aponta que dos 500 mil migrantes que para lá vão todo ano, 400 mil acabam em favelas. Com esta estatística conclui que se essa tendência continuar, em vez de cidades apenas teremos favelas, e as cidades de vidro e ferro tão sonhadas pelos urbanistas se transformaram em lugares de miséria, cercadas de poluição e excrementos.

No segundo capítulo '*A generalização das favelas*' o autor fala de estudos feitos por mais de cem pesquisadores relacionados às condições de vida nas favelas e políticas habitacionais onde foi possível se obter dados sobre a distribuição de renda ou bem estar de mais de 90% da população mundial. Traz a discussão da definição do termo "favela", que em 1812 era vista como lugar de estelionato e por outros no século XIX trazia a idéia de lugar onde o resíduo social incorrigível e feroz vivia. Atualmente ainda prevalece a definição clássica de que favela é lugar de habitações informais, insegurança, excesso de população, falta de saneamento básico. Utiliza-se de estatísticas da ONU para fazer um comparativo da população favelada dos países desenvolvidos em relação

aos menos desenvolvidos, onde essa população atinge 78,2% dos habitantes urbanos. Discute o surgimento das “megafavelas” e como os “pobres urbanos” fazem para resolver a questão da habitação, onde muitas vezes o que conta é a distância do trabalho, que acaba por se sobrepor a importância de um teto. Trata da urbanização irregular, falando do mercado que existe nesse meio, pois muitas vezes os invasores são coagidos a pagarem propinas a políticos, policiais ou bandidos. Aponta a questão dos locatários na favela, onde os próprios moradores constroem e alugam as casas como fonte de renda. Fecha o capítulo com a questão da falta de dados atuais referentes a padrões de conservação do uso da terra, habitações formais e informais, a falta de conhecimento dos governos sobre suas fronteiras, e da mão-de-obra na América latina, onde cada vez mais os contratadores buscam nas favelas trabalhadores temporários.

O autor trata no terceiro capítulo, ‘*A Traição do Estado*’, da trajetória das cidades as quais em sua maioria apresentavam um crescimento lento e até retardado, e nas décadas de 1950 e 1960 uma aceleração repentina até o crescimento acelerado. Fala das barreiras do colonialismo europeu, nas cidades coloniais Britânicas do sul e leste da África, o qual negava à população nativa o direito à propriedade e permanência na cidade, onde os migrantes pobres eram culpados pela destruição física e social das cidades. Aponta a falta de interesse e descaso por parte do Estado aos favelados, os quais não possuem acesso à água, esgoto, escola, hospitais.

No quarto capítulo ‘*As ilusões do construa-você-mesmo*’ o autor expõe sobre a participação do Banco Mundial na política habitacional urbana³, o qual segundo estatísticas ajudou a financiar vários programas de oferta de lotes e/ou urbanização de favelas. Em um primeiro momento o Banco Mundial a fim de racionalizar e melhorar as habitações tinha idéia de ofertar lotes urbanizados, mas no final da década de 1980 passou a defender a privatização de habitações já prontas. Utilizando-se de críticos do Banco Mundial, o autor mostra como esse programa “feito para os pobres” era inacessível a maioria deles, pois os mesmos não tinham condições financeiras que atendessem a oferta de lotes urbanizados, tornando esses acessíveis a famílias de classe média. Em algumas cidades a solução encontrada foi regularizar a situação dos favelados concedendo-lhes títulos de propriedade. Em São Paulo a partir de 1989 o PT tentou regularizar e melhorar as favelas, mas para alguns pesquisadores com os quais Make Davis dialoga, isso também traz repercussões negativas, pois acaba por formar um submercado imobiliário. O mercado informal de alugueis de casas nas favelas é um negócio lucrativo para grandes proprietários, que acabam por alugar por um preço mais elevado o metro quadrado do que o mercado formal, como mostra a pesquisa feita pela UM-Habitat nas favelas de São Paulo. E em outros lugares, como no caso de Lima, o estudo feito por um

geógrafo apontou como os invasores eram usados pelos donos de terras como pioneiros urbanos, manipulando as invasões para obter a entrada de terra no mercado, obtendo das autoridades infra-estrutura para os invasores, tornando assim o valor da terra maior, e após expulsando-os para que fizessem novamente essa invasão em outros locais. Eles ainda são o “principal símbolo humano, seja como vítima seja como herói, da cidade do Terceiro Mundo.”

‘*Hausmann nos Trópicos*’, título do quinto capítulo, o qual faz referência a um barão de Paris da década de 1980, trata da questão dos investimentos em áreas já beneficiadas, negando-se o acesso a bens e serviços a classes pobres, as quais são vistas como impedimentos ao progresso e a melhoria da sociedade. Nessa linha o autor fala da intervenção do Estado no que ele chama de guerra social, em nome do progresso, do embelezamento e da justiça social para os pobres. Todo ano milhares de pessoas são expulsas dos bairros do Terceiro Mundo, para dar lugar a construções de casas de luxos, ou mesmo apenas na ocasião de eventos como Jogos Olímpicos, concursos de belea entre outros, os favelados são retirados do alcance dos olhos, pois são considerados uma “sujeira” que os governantes não querem que o mundo veja.³ A estratégia de limpeza urbana vem com as ditaduras militares, e no Brasil pós 1964 fizeram a remoção de assentamentos, pois os militares acreditavam ser as favelas pontos de resistência, e seguindo esse pensamento o autor coloca que desde a década de 1970 a justificativa de se acabar com as favelas vem a ser a questão de que ela é um lugar de criminosos, pois são invisíveis a vigilância do Estado.

No sexto capítulo ‘*Ecologia da Favela*’, Make Davis vai tratar da dificuldade de se separar a sustentabilidade ambiental da condição de pobreza em massa. Utilizando-se de dados de pesquisas geomorfológicas aponta os riscos constantes aos quais as famílias estão expostas devido aos tipos de solo em que se encontram, podendo desmoronar a qualquer momento. Utilizando o termo “maior ecologia mundial do fogo”, trata da questão de incêndios criminosos causados por proprietários de terrenos invadidos, forçando assim os invasores a saírem, sem ter que esperar o processo judicial e a ordem de demolição.

Trata da questão ambiental, e dos danos causados pelas poluições a saúde humana e também a degradação ambiental, que vai se tornando cada vez mais frequente à medida que não se tendo onde morar, lugares de preservação ambiental também se transformam em moradias, e muitas vezes bacias hidrográficas são poluídas devido à falta de saneamento básico. Mostra estatísticas para debater questões relacionadas às doenças causadas pelo esgoto e lixo que matam milhares de pessoas todo ano. Colocando como ponto diferencial entre a classe média urbana e os pobres urbanos à questão da saúde, pois os favelados acabam se tornando a “interface entre o subdesenvolvimento e a industrialização”.

Partindo da discussão de que as favelas apesar de serem inseguras apresentam um futuro esplêndido Mike Davis aponta no sétimo capítulo *'Desajustando o Terceiro Mundo'* estimativas de bilhões de favelados em 2030/2040, apontando que a pobreza humana sobrepõem-se às favelas excedendo-as. Na década de 1980 a desigualdade atingiu seu ápice. O autor fala de como as mulheres tiveram e ainda tem um papel importante na economia familiar entre as classes pobres, pois com o corte da renda masculina viram-se obrigadas a trabalhar dobrado. Muitos exploram essa força de trabalho, pois acreditam que as mulheres diante das necessidades da família não reclamam e não se cansam do trabalho que tem que exercer, e nessa linha de pensamento esperam que as mulheres e crianças carreguem nos ombros o peso da dívida do Terceiro Mundo. Vários lugares são citados pelo autor para ilustrar essa luta das mulheres pela sobrevivência, China, África, América Latina, entre outro em que as mulheres se improvisam em empregos informais, vendedoras ambulantes, costureiras, faxineiras e até mesmo prostituição. A globalização é abordada em um primeiro momento como uma expansão de empregos e renda nas cidades da China, mas com esses desenvolvimentos acelerados cresceu também a desigualdade econômica, aumentando ainda mais a desigualdade urbana. Com a tecnologia milhares de agricultores ficaram desempregados vendo-se obrigados a migrar para a cidade aos arredores favelados. Enquanto uns tem acesso a grandes tecnologias, milhares de pessoas padecem nas ilhas de pobreza em condições precárias de higiene e saúde.

O autor aborda no oitavo capítulo *'Humanidade Excedente?'* a questão da crise no campo que acaba por resultar em que ele chama de "semiproletarização" rural, onde o século XX ao invés de se tornar uma época de revoluções urbanas, "como teria imaginado o marxismo clássico, tornou-se levantes rurais e guerras camponesas de libertação nacional sem precedentes." Mike Davis dialoga com opiniões de alguns autores, que veem as cidades como depósito de lixo de uma população excedente, que para sobreviverem precisam se virar no mercado informal. O mercado de órgãos criado na década de 1980 tornou-se mais uma estratégia de sobrevivência dos favelados da Índia e Egito, os quais vendem o rim para poderem se sustentar e sustentar seus filhos.

Para concluir o autor fala da guerra que existe entre o império norte-americano contra os pobres de todo o mundo, pois eles veem as favelas como campos de batalha, lugares que escondem verdadeiras bombas prestes a explodir.

A partir da leitura da obra muitas possibilidades de pesquisa podem ser pensadas, na linha de lutas de classe, e de como as cidades em pleno século XXI ainda não têm soluções para esse excedente da população que cresce a cada ano. O movimento pela reforma urbana vem conquistando a aprovação de alguns projetos, mas precisa muito ainda para que a realidade das cidades brasileiras e do mundo como um todo mude.

¹ A autora Arlete Moyses Rodrigues trata em seu livro “Moradia nas Cidades Brasileiras” sobre esta questão da ‘ilegalidade’ da habitação, falando da necessidade do morar e o mercado informal.

² Sobre esta questão de construções de moradias populares é possível fazer uma leitura na obra de Arlete Móyses Rodrigues, onde a autora aborda a questão do banco Nacional de Habitação, que surgiu com o objetivo de coordenar a política habitacional, mas que de uma certa forma também acaba por excluir a classe pobre assim como o Banco Mundial.

³ A questão da favela como território pode ser acompanhada na discussão que Raquel Rolnik faz em seu livro “O que é Cidade”.